

A economia gaúcha em 2003

Maria Conceição Schettert

Economista da FEE.

Resumo

Neste texto, apresentam-se as estimativas preliminares do PIB da economia do Rio Grande do Sul em 2003 e as revisões dessas estimativas em 2002 e 2001. Juntamente com o PIB global, são apresentadas suas estatísticas derivadas: as taxas de crescimento do PIB desagregado por setores de atividade. Também são feitos alguns comentários qualificando os números apresentados.

Palavras-chave

Economia gaúcha; PIB em 2003; desempenho regional.

Abstract

This text presents the preliminary estimates about the Gross Domestic Product (GDP) of Rio Grande do Sul and the reviews of 2002 and 2001. Together with global GDP the text presents also the rates of growth of GDP by sectors of activity as well as some comments about the statistics.

**Os originais deste artigo foram recebidos
por esta Editoria em 15.01.04.**

A Fundação de Economia e Estatística (FEE), como procedimento habitual, publica, no quarto número anual desta revista, os números concernentes ao desempenho da economia gaúcha divulgados ao final do ano, com as estimativas preliminares de 2003 e as revisões pertinentes a 2001 e 2002.¹ Ainda é publi-

cado um anexo estatístico contendo uma série das variáveis aqui tratadas nos últimos cinco anos. De resto, fazem-se alguns comentários de modo a qualificar os números apresentados.

O Produto Interno Bruto (PIB) do RS cresceu, nominalmente, em 2003 (em valores correntes), 20,5% e a uma taxa real (a preços constantes) de 4,7%, atingindo o valor de R\$ 130,7 bilhões. O PIB *per capita*, por sua vez, teve um crescimento real de 3,6%, alcançando o valor de R\$ 12,4 mil (Tabela 1). Esse crescimento da economia no Estado, o maior dos últimos seis anos, adquire ainda maior significação se comparado com as projeções modestas de crescimento para a economia brasileira em 2003.² De um modo geral, deveu-se esse resultado ao bom desempenho da agroindústria e do setor exportador.

No plano macroeconômico, em 2003 foi realizada uma série de ajustes de modo a garantir o controle da inflação e o “fechamento” das contas externas. A crise financeira que a economia brasileira vivenciou em 2002, principalmente a restrição dos fluxos de capital para o País, condicionou o forte ajuste da conta corrente do balanço de pagamentos. O saldo dessa conta foi positivo em US\$ 3,8 bilhões (posição em novembro, conforme o Banco Central), e a balança comercial (conforme o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) registrou um superávit histórico de US\$ 24,8 bilhões em 2003, em razão muito mais do aumento das exportações do que da contenção das importações. Foi a maior cifra registrada nas exportações brasileiras (US\$ 73 bilhões), representando um acréscimo sobre 2002 de 21,1%, e o RS foi o segundo maior estado exportador da Federação, superado apenas por São Paulo. O montante das exportações gaúchas alcançou US\$ 8,0 bilhões, 25,7% sobre o montante de 2002, representando 19% do PIB do Estado aproximadamente.

Esse crescimento da economia gaúcha em 2003 é também muito significativo, examinando-se a trajetória do PIB das economias brasileira e gaúcha e suas taxas de crescimento em quase uma década do Real (Gráfico 1). Em meados de 1994, quando foi estabelecida a paridade cambial, teve início um período de sobrevalorização da moeda interna. Então, considerando-se de 1995 até 1998, observa-se que as taxas de crescimento da economia gaúcha se caracterizaram por oscilações que redundaram em um crescimento médio fraco

¹ As estatísticas apresentadas foram elaboradas sob a responsabilidade do Núcleo de Contabilidade Social da FEE, com os seguintes integrantes: Adalberto Maia Neto (coordenador), Carlos Gouveia, Eliana da Silva, Juarez Meneghetti, Maria Conceição Schettert e Sérgio Fischer. Colaboraram, também, os estagiários Etienne Marques e Fernanda Kronbauer.

² Segundo projeções do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Brasil terá uma taxa de crescimento próxima de zero (0,2%). Ainda segundo as últimas revisões de projeção do Banco Central, o País deverá crescer 0,3%.

(0,2%), bem inferior ao da taxa média do Brasil para esse período (2,6%). Com a ruptura do câmbio fixo em 1999, nos quatro últimos anos — de 1999 a 2002 —, a situação inverteu-se: as taxas foram menos oscilantes, e o crescimento médio da economia estadual (3,0%) foi superior ao nacional (2,1%). Concluindo, o atual crescimento de 4,7%, em 2003, está bem acima do dessas taxas médias e concorrerá para que o Estado venha a aumentar sua participação no PIB do País para valores próximos aos da primeira metade da década passada. Nessa época, o Estado chegou a participar com quase 9% do PIB nacional (Gráfico 2).

Tabela 1

Produto Interno Bruto, total e *per capita*, e suas taxas de crescimento
no BR e no RS — 1994-03

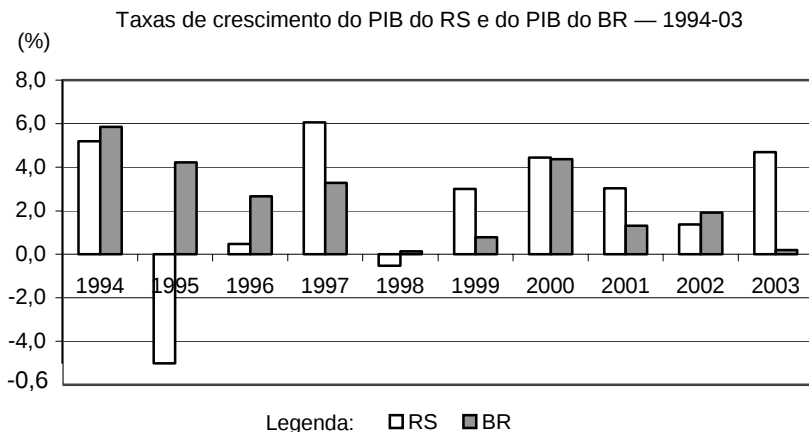
ANOS	RIO GRANDE DO SUL (1)				BRASIL			
	PIB		Taxas de Crescimento (%)		PIB		Taxas de Crescimento (%)	
	Total (R\$ milhões)	Per capita (R\$)	Total	Per capita	Total (R\$ milhões)	Per capita (R\$)	Total (2)	Per capita
1994	31 129	3 297,79	5,2	4,1	349 205	2 227,43	5,9	4,3
1995	53 653	5 623,58	-5,0	-6,0	646 192	4 063,69	4,2	2,8
1996	63 263	6 564,10	0,5	-0,5	778 887	4 830,40	2,7	1,2
1997	69 221	7 006,34	6,1	3,5	870 743	5 326,59	3,3	1,9
1998	70 542	7 062,83	-0,5	-1,6	914 188	5 517,53	0,1	-1,2
1999	75 450	7 477,82	3,0	2,0	973 846	5 799,81	0,8	-0,5
2000	85 138	8 356,81	4,4	3,4	1101 255	6 472,53	4,4	3,0
2001	94 084	9 143,83	3,0	2,0	1198 736	6 953,79	1,3	0,0
2002	108 471	10 431,75	1,4	0,4	1346 028	7 707,75	1,9	0,6
2003	130 744	12 437,28	4,7	3,6	-	-	0,2	-

FONTE: IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

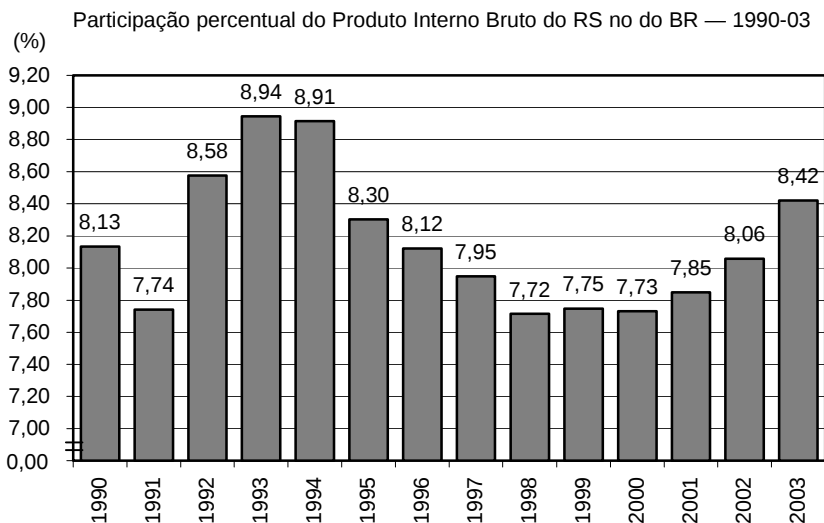
(1) Estimativas preliminares para 2002 e 2003. (2) Para 2003, projeção do IPEA.

Gráfico 1



FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

Gráfico 2



FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

Examinando-se o desempenho da economia estadual setorialmente (Tabela 2), a agropecuária, com uma participação de 15% no Valor Adicionado Bruto (VAB), foi o setor de destaque do ano, com uma taxa de crescimento de 18,5%. Esse desempenho expressivo foi resultado, principalmente, do crescimento excepcional da produção da lavoura, de 23,7% (Tabela 3), ressaltando-se os grandes crescimentos das safras de milho (39,1%), soja (70,7%) e trigo (83,8%), culturas estas em que o Estado é um dos maiores produtores no País e que representam, juntas, cerca de 40% do valor da produção da lavoura regional. No caso da soja, essa safra excepcional, que alcançou aproximadamente 9,6 milhões de toneladas, é tanto mais relevante porque foi o expoente da pauta de exportações, inclusive das exportações brasileiras como um todo. Deve-se destacar, ainda, que o excelente desempenho dessas culturas foi resultante, principalmente, do crescimento de suas produtividades: 43,8%, 57,2% e 39,8% respectivamente (Tabela 4). Entretanto outras culturas tiveram frustração de safra, cabendo mencionar, pela importância de suas participações no valor da estrutura produtiva do Estado, o arroz e o fumo, que apresentaram queda em suas produções de -14,2% e -5,2% respectivamente. A produção animal teve um desempenho inferior ao da lavoura, com um crescimento de 1,4%, graças aos aumentos na avicultura (3,2%), na bovinocultura (1,7%) e na produção de leite (5,7%), que foram acompanhados por queda nos demais segmentos. Destaca-se que a avicultura é expressiva na pauta exportadora e a carne *in natura* vem ganhando espaço nas vendas externas.

Tabela 2

Taxa de crescimento do VAB por setores de atividade e do PIB do RS — 2003

(%)

SETORES DE ATIVIDADE	TAXAS DE CRESCIMENTO
Agropecuária	18,5
Indústria	2,9
Extrativa mineral	-6,2
Indústria de transformação	3,5
Eletricidade, gás e água	1,0
Construção civil	0,5
Serviços	1,7
Comércio	-0,3
Transporte e armazenagem	-1,1
Administração pública	1,1
Demais serviços	3,0
PIB total	4,7

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

NOTA: Estimativas preliminares.

Tabela 3

Taxas de crescimento da produção física da lavoura, da produção animal e de seus principais produtos no RS — 2001-03

(%)

PRINCIPAIS PRODUTOS	2001	2002	2003 (1)
Lavoura	16,4	-4,0	23,7
Arroz	5,5	4,4	-14,2
Banana	31,5	12,4	-0,6
Batata-inglesa	-1,3	-0,1	-18,1
Cana-de-açúcar	8,8	3,0	6,7
Cebola	-1,2	-9,4	-24,0
Feijão	-3,8	4,0	-5,6
Fumo	1,1	14,0	-5,2
Laranja	-4,4	0,1	2,3
Maçã	-1,0	13,9	-5,0
Mandioca	-2,9	1,1	3,8
Milho	55,8	-36,4	39,1
Soja	44,8	-19,3	70,7
Trigo	21,5	4,7	83,8
Uva	-6,5	14,4	-14,2
Produção animal	1,0	2,2	1,4
Aves	3,6	4,7	3,2
Bovinos	2,0	3,6	1,7
Lã	-10,2	-6,3	-5,9
Leite	5,7	4,8	5,7
Mel	4,0	-7,3	-2,2
Ovinos	-10,4	-8,6	-6,8
Ovos	-9,4	2,8	-2,4
Suínos	-1,4	-1,0	-0,8

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE - Produção Agrícola Municipal, Produção Pecuária Municipal (2001 e 2002).

IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2003).

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 4

Produção e produtividade dos principais produtos
da lavoura do RS — 2001-03

PRODUTOS	2001		2002		2003 (1)		VARIACÃO % $\frac{2003}{2002}$
	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	
Arroz	5 256 301	5,51	5 477 134	5,58	4 697 123	4,88	-12,5
Banana	102 571	12,35	115 256	10,59	114 525	10,65	0,5
Batata-inglesa ...	384 563	10,37	382 475	10,69	313 146	10,93	2,3
Cana-de-açúcar	1 044 040	33,37	1 074 859	32,58	1 146 605	35,07	7,6
Cebola	179 229	11,47	162 333	11,55	123 307	9,03	-21,8
Feijão	140 474	0,94	146 042	0,87	137 843	0,86	-1,6
Fumo	298 193	2,01	339 898	2,06	322 064	1,64	-20,3
Laranja	345 723	12,82	345 559	12,84	353 351	12,98	1,1
Maçã	304 453	22,17	346 798	25,43	329 460	24,67	-3,0
Mandioca	1 261 688	14,82	1 275 907	15,06	1 323 785	14,82	-1,6
Milho	6 134 207	3,66	3 901 117	2,66	5 428 243	3,83	43,8
Soja	6 951 830	2,34	5 610 511	1,70	9 579 293	2,67	57,2
Trigo	1 075 897	1,75	1 126 624	1,41	2 071 221	1,97	39,8
Uva	498 219	14,37	570 161	15,54	489 012	12,69	-18,4

FONTE: PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL: Rio Grande do Sul 2001/2002. Rio de Janeiro: IBGE, 2002/2003. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2002/pam2002.pdf>>.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA 2003. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Levantamento_Sistematico_da_Producao_Agricola_%5Bmensal%5D/Fasciculo/>.

(1) Estimativas preliminares.

A indústria, com uma participação de 41% no VAB, apresentou um crescimento de 2,9%, influenciado, preponderantemente, pelo desempenho da indústria de transformação, principal segmento do setor (33% do VAB), com uma taxa de crescimento de 3,5%. Examinando-se a evolução da produção dos principais gêneros industriais até outubro comparativamente a igual período do ano anterior, constata-se que apresentaram crescimento significativo: mecânica (21,5%), material de transporte (6,8%), metalúrgica (3,9%), papel e papelão (13,7%) e química (8,2%). Por outro lado, gêneros tradicionais do parque industrial do Estado tiveram desempenho negativo, a saber: fumo (-10,2%), mobiliário (-1,5%), produtos alimentares (-4,1%) e vestuário e calçados (-10,3%) —

Tabela 5. Em geral, os segmentos que apresentaram crescimento têm suas performances vinculadas à agroindústria e ao mercado externo, conforme já mencionado.

Tabela 5

Taxa de crescimento da produção física, por gêneros da indústria de transformação, do RS — 2001/03

	(%)		
GÊNEROS	2001	2002	2003 (1)
Minerais não-metálicos	1,8	-4,2	2,4
Metalúrgica	-4,0	4,0	3,9
Mecânica	17,1	18,4	21,5
Material elétrico e de comunicações	-10,0	0,5	-6,8
Material de transporte	4,8	9,7	6,8
Madeira	-8,1	-20,4	-41,4
Mobiliário	5,4	-6,0	-1,5
Papel e papelão	-2,0	5,4	13,7
Borracha	0,0	-5,1	3,5
Couros e peles	-11,0	5,3	8,2
Química	-7,6	-1,0	3,7
Perfumaria, sabões e velas	-8,1	4,8	-8,7
Produtos de matéria plástica	-7,4	-4,0	-20,0
Têxtil	5,6	-11,1	3,7
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-4,2	-7,0	-10,3
Produtos alimentares	-2,8	1,9	-4,1
Bebidas	-6,1	6,0	-10,5
Fumo	-5,6	33,7	-10,2

FONTE: IBGE/Departamento de Indústria.

(1) Taxa acumulada até outubro.

Os demais ramos da indústria tiveram, em 2003, desempenhos bem inferiores à média da economia. A construção civil, responsável por 6% do VAB, e o segmento de eletricidade, gás e água, com participação mais modesta (2% do VAB), apresentaram insignificantes crescimentos de 0,5% e 1,0% respectivamente. A construção civil é uma atividade muito vulnerável à crise do cenário

macroeconômico, especialmente no que tange à ausência de uma política habitacional de longo prazo que a guarneça dos altos juros praticados, os quais oneram diretamente os custos para os investimentos vultosos inerentes a essa atividade e, indiretamente, contribuem para o cenário recessivo que desestimula o mercado consumidor desse ramo. Quanto ao outro segmento, o desempenho modesto fica dentro dos padrões habituais dessa atividade, provenientes das pressões de demanda da população por serviços industriais de utilidade pública *vi-à-vis* às possibilidades de investimentos em infra-estrutura por parte das empresas e do Governo, especialmente deste último, restringido pela política de conservadorismo fiscal. Por último, a indústria extrativa mineral, o pior desempenho em 2003 (-6%), também reflete, em parte, a ausência de investimentos produtivos e só não contribuiu, aparentemente, para impactar a taxa de crescimento do setor industrial como um todo em razão da pequena participação desse segmento na estrutura produtiva da economia gaúcha (0,1% do VAB).

O setor serviços, com uma participação de 44% do VAB, cresceu a uma taxa de 1,7%, com uma queda estimada de -0,3% no segmento de comércio e um desempenho positivo (3,0%) para o conjunto dos demais serviços (aluguéis, intermediação financeira, alojamento e alimentação, comunicações, saúde e educação mercantis, serviços domésticos e outros serviços). O desaquecimento do comércio reflete bem o baixo poder aquisitivo da população, agravado em 2002 pela crise financeira que implicou, por parte das autoridades monetárias, a prática de juros muito elevados, principalmente no final de 2002 e início de 2003. A taxa básica de juros (Selic), administrada pelo Banco Central, que monitora todo o mercado financeiro, situou-se num patamar de 23,4% em 2003, tendo recuado ao final do ano para 16,5%.

Contrastando fortemente com o encerramento do ano anterior, o fechamento de 2003 foi em clima de otimismo quanto às perspectivas para o ano seguinte. Corroboraram para as projeções otimistas os bons resultados do mercado externo, acompanhado da melhoria da percepção de risco internacional do País. Contribuíram, ainda, para esse otimismo o recuo da taxa básica de juros e a queda da inflação para níveis bem inferiores aos registrados em 2002, mesmo que, pelo terceiro ano consecutivo, a meta programada pelas autoridades monetárias não tenha sido atingida. O IPCA, que é o balizador das metas programadas para a inflação, situou-se acima da meta ajustada para 2003, de 8,5%, mas bem aquém da variação ocorrida em 2002 (9,3% em 2003 contra 12,5% em 2002). Outros indicadores consagrados pelo mercado para estimar os níveis de preços se situaram, conforme as projeções, também bem abaixo das taxas registradas em 2002: o IGP-DI (7,0% em 2003 contra 26,4% em 2002) e o IPC-FIPE (8,2% contra 9,9%). Por fim, também ajudou a construir o cenário otimista do final do

ano, a divulgação do PIB brasileiro até o terceiro trimestre, onde pode ser observada a retomada da economia após forte recessão na primeira metade do ano. Segundo o IBGE, o grande impulsionador foi o investimento, identificado pelo bom desempenho da categoria de bens de capital nos números da indústria. Os dados divulgados para novembro confirmaram a recuperação da indústria em ritmo equilibrado, tendo ficado 2,0% acima da produção do final de 2002.

Os ventos auspiciosos para a economia nacional, naturalmente, influenciam as perspectivas das economias estaduais, a despeito das especificidades regionais de cada uma. No caso da economia gaúcha, a vinculação estreita com o agronegócio e com o mercado internacional, frente às projeções de crescimento das economias norte-americana e européia, reforça uma maior sustentabilidade às possibilidades de crescimento em 2004.

Anexo

Tabela 1

Composição do Produto Interno Bruto a preço de mercado corrente do RS — 1985-03

ANOS	UNIDADE MONETÁRIA	VALOR ADICIONA- DO BRUTO A PREÇO BÁSICO CORRENTE	SERVIÇO DE INTERMEDIA- ÇÃO FINAN- CEIRA INDIRE- TAMENTE MEDIDO (-)	IMPOSTOS SOBRE PRODUTOS, LÍQUIDOS DE SUBSÍ- DIOS (+)	PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇO DE MERCADO CORRENTE
1985	Cr\$ bilhão	99 055	7 195	10 363	102 222
1986	Cz\$ milhão	258 912	10 869	29 092	277 135
1987	Cz\$ milhão	861 819	69 616	78 207	870 410
1988	Cz\$ milhão	6 751 182	534 504	553 539	6 770 216
1989	NCz\$ milhão	107 774	11 299	6 919	103 395
1990	Cr\$ milhão	2 475 218	166 641	274 672	2 583 249
1991	Cr\$ milhão	12 307 260	774 125	1 301 003	12 834 137
1992	Cr\$ milhão	150 979 761	13 452 397	13 626 277	151 153 642
1993	CR\$ milhão	3 537 659	345 686	275 249	3 467 223
1994	R\$ milhão	30 190	1 849	2 788	31 129
1995	R\$ milhão	50 803	2 140	4 990	53 653
1996	R\$ milhão	59 786	2 010	5 487	63 263
1997	R\$ milhão	65 323	1 983	5 882	69 221
1998	R\$ milhão	67 133	2 467	5 876	70 542
1999	R\$ milhão	71 341	2 485	6 595	75 450
2000	R\$ milhão	79 767	2 325	7 695	85 138
2001	R\$ milhão	88 025	2 930	8 990	94 084
2002 (1)	R\$ milhão	101 484	-	-	108 471
2003 (1)	R\$ milhão	122 323	-	-	130 744

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 2

Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente, por setores de atividade, do RS — 1998-02

(R\$ milhão)

SETORES	1998	1999	2000	2001	2002 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	9 035	9 481	9 532	12 739	15 129
Indústria	24 610	26 751	32 683	35 201	41 546
Indústria extrativa mineral	48	74	90	88	98
Indústria de transformação	19 382	21 786	26 288	28 578	33 425
Eleticidade, gás e água	1 564	1 516	1 538	1 759	2 018
Construção civil	3 617	3 375	4 767	4 776	6 005
Serviços	33 489	35 108	37 552	40 085	44 810
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	6 480	6 970	7 561	8 311	9 141
Alojamento e alimentação	853	957	1 018	1 013	1 147
Transportes e armazenagem	1 245	1 303	1 281	1 427	1 171
Comunicações	681	1 207	1 337	1 763	1 904
Intermediação financeira	3 075	3 267	3 131	3 677	4 250
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	9 369	9 177	9 477	9 744	10 764
Administração pública, defesa e seguridade social	8 682	9 153	10 594	10 759	12 669
Saúde e educação mercantis	1 957	1 927	1 888	1 924	2 119
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	818	813	896	1 032	1 154
Serviços domésticos	328	335	368	434	491
Valor Adicionado Bruto a preço básico	67 133	71 341	79 767	88 025	101 484

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 3

Estrutura do Valor Adicionado Bruto a preço básico corrente, por setores de atividade, do RS — 1998-02

(%)

SETORES	1998	1999	2000	2001	2002 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	13,46	13,29	11,95	14,47	14,91
Indústria	36,66	37,50	40,97	39,99	40,94
Indústria extrativa mineral	0,07	0,10	0,11	0,10	0,10
Indústria de transformação	28,87	30,54	32,96	32,47	32,94
Eletricidade, gás e água	2,33	2,12	1,93	2,00	1,99
Construção civil	5,39	4,73	5,98	5,43	5,92
Serviços	49,88	49,21	47,08	45,54	44,15
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	9,65	9,77	9,48	9,44	9,01
Alojamento e alimentação	1,27	1,34	1,28	1,15	1,13
Transportes e armazenagem	1,85	1,83	1,61	1,62	1,15
Comunicações	1,01	1,69	1,68	2,00	1,88
Intermediação financeira	4,58	4,58	3,93	4,18	4,19
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	13,96	12,86	11,88	11,07	10,61
Administração pública, defesa e seguridade social	12,93	12,83	13,28	12,22	12,48
Saúde e educação mercantis	2,92	2,70	2,37	2,19	2,09
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1,22	1,14	1,12	1,17	1,14
Serviços domésticos	0,49	0,47	0,46	0,49	0,48
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 4

Índice de volume do Valor Adicionado Bruto, por setores de atividade, do RS — 1999-03

SETORES	1999	2000	2001	2002 (1)	2003 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	115,10	115,37	129,62	126,51	149,93
Indústria	97,00	104,73	106,34	109,72	112,88
Indústria extrativa mineral	157,81	173,16	148,94	146,21	137,09
Indústria de transformação	91,32	99,43	101,44	105,68	109,32
Eletricidade, gás e água	126,97	133,07	131,61	134,28	135,67
Construção civil	129,79	134,33	134,35	131,26	131,89
Serviços	107,72	110,83	113,01	114,24	116,19
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	98,48	100,93	101,67	100,86	100,56
Alojamento e alimentação	109,56	113,98	114,52	116,57	118,66
Transportes e armazenagem	121,71	124,13	131,01	128,88	127,52
Comunicações	206,26	246,42	285,38	311,62	-
Intermediação financeira	105,62	110,57	113,74	115,36	-
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	113,98	117,17	118,72	120,34	-
Administração pública, defesa e segurança social	105,57	106,64	107,71	108,84	110,04
Saúde e educação mercantis	106,69	107,77	108,86	109,97	-
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	107,92	110,25	115,55	118,56	-
Serviços domésticos	101,41	102,44	105,33	105,66	-
Total	103,71	108,31	111,60	113,18	118,49

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

NOTA: Os dados têm como base 1994 = 100.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 5

Taxa de crescimento do Valor Adicionado Bruto, por setores
de atividade, do RS — 1999-03

(%)

SETORES	1999	2000	2001	2002 (1)	2003 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	10,3	0,2	12,4	-2,4	18,5
Indústria	1,7	8,0	1,5	3,2	2,9
Indústria extrativa mineral	18,9	9,7	-14,0	-1,8	-6,2
Indústria de transformação	1,7	8,9	2,0	4,2	3,5
Eletricidade, gás e água	3,4	4,8	-1,1	2,0	1,0
Construção civil	1,1	3,5	0,0	-2,3	0,5
Serviços	2,0	2,9	2,0	1,1	1,7
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	2,5	2,5	0,7	-0,8	-0,3
Alojamento e alimentação	3,7	4,0	0,5	1,8	1,8
Transportes e armazenagem	5,1	2,0	5,5	-1,6	-1,1
Comunicações	28,7	19,5	15,8	9,2	-
Intermediação financeira	3,4	4,7	2,9	1,4	-
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	-0,1	2,8	1,3	1,4	-
Administração pública, defesa e seguridade social	1,1	1,0	1,0	1,1	1,1
Saúde e educação mercantis	1,1	1,0	1,0	1,0	-
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	0,8	2,2	4,8	2,6	-
Serviços domésticos	-2,8	1,0	2,8	0,3	-
Total	3,0	4,4	3,0	1,4	4,7

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 6

Deflator implícito do Valor Adicionado Bruto a preço básico, por setores de atividade, do RS — 1998-02

SETORES	1998	1999	2000	2001	2002 (1)
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	199,60	189,90	190,46	226,57	275,68
Total da indústria	192,39	205,55	232,60	246,71	282,22
Indústria extrativa mineral	159,51	207,63	230,21	262,78	298,33
Indústria de transformação	188,99	208,93	231,55	246,71	276,99
Eleticidade, gás e água	259,48	243,33	235,62	272,39	306,28
Construção civil	189,69	175,08	238,91	239,33	307,98
Total de serviços	254,90	262,11	272,47	285,25	315,43
Comércio, reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso doméstico	236,39	248,18	262,67	286,66	317,80
Alojamento e alimentação	242,92	262,71	268,76	266,16	296,06
Transportes e armazenagem	180,70	179,85	173,38	182,95	152,57
Comunicações	199,22	274,42	254,44	289,79	286,57
Intermediação financeira	146,83	150,82	138,07	157,61	179,62
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	448,49	439,88	441,92	448,45	488,69
Administração pública, defesa e seguridade social	236,00	246,17	282,09	283,63	330,49
Saúde e educação mercantis	265,75	258,93	251,17	253,40	276,20
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	341,33	336,64	363,18	399,08	434,80
Serviços domésticos	267,65	280,91	305,23	350,17	395,27
Total	220,85	227,86	243,94	261,27	297,00

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.
IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

NOTA: Os dados têm como base 1994 = 100.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 7

Produto Interno Bruto e deflator implícito do RS — 1985-03

ANOS	UNIDADES MONETÁRIAS	VALORES CORRENTES	ÍNDICE (1)	VARIAÇÃO ANUAL DO ÍNDICE (%)	DEFLATOR (1)	VARIAÇÃO ANUAL DO DEFLATOR (%)
1985	Cr\$ bilhão	102 222	77,98	-	1,5E-07	-
1986	Cz\$ milhão	277 135	81,69	4,7	4,0E-07	158,8
1987	Cz\$ milhão	870 410	85,01	4,1	1,2E-06	201,8
1988	Cz\$ milhão	6 770 216	83,96	-1,2	9,4E-06	687,6
1989	NCz\$ milhão	103 395	86,77	3,4	1,4E-04	1 377,6
1990	Cr\$ milhão	2 583 249	81,02	-6,6	3,7E-03	2 576,0
1991	Cr\$ milhão	12 834 137	79,24	-2,2	1,9E-02	408,0
1992	Cr\$ milhão	151 153 642	85,81	8,3	2,1E-01	987,5
1993	Cr\$ milhão	3 467 223	95,06	10,8	4,3E+00	1 970,6
1994	R\$ milhão	31 129	100,00	5,2	100,00	2 247,1
1995	R\$ milhão	53 653	94,99	-5,0	181,44	81,4
1996	R\$ milhão	63 263	95,44	0,5	212,94	17,4
1997	R\$ milhão	69 221	101,22	6,1	219,68	3,2
1998	R\$ milhão	70 542	100,69	-0,5	225,06	2,5
1999	R\$ milhão	75 450	103,71	3,0	233,72	3,8
2000	R\$ milhão	85 138	108,31	4,4	252,50	8,0
2001	R\$ milhão	94 084	111,60	3,0	270,83	7,3
2002 (2)	R\$ milhão	108 471	113,18	1,4	307,87	13,7
2003 (2)	R\$ milhão	130 744	118,49	4,7	354,46	15,1

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Base: 1994 = 100. (2) Estimativas preliminares.

Tabela 8

Produto Interno Bruto *per capita* do RS — 1985-03

ANOS	UNIDADES MONETÁRIAS	VALORES CORRENTES	ÍNDICE (1)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
1985	Cr\$	12 198 784	87,85	-
1986	Cz\$	32 567	90,61	3,1
1987	Cz\$	100 745	92,88	2,5
1988	Cz\$	772 191	90,39	-2,7
1989	NCz\$	11 627	92,11	1,9
1990	Cr\$	286 474	84,81	-7,9
1991	Cr\$	1 404 377	81,84	-3,5
1992	Cr\$	16 360 746	87,68	7,1
1993	CR\$	371 266	96,09	9,6
1994	R\$	3 298	100,00	4,1
1995	R\$	5 624	93,98	-6,0
1996	R\$	6 564	93,47	-0,5
1997	R\$	7 006	96,71	3,5
1998	R\$	7 063	95,16	-1,6
1999	R\$	7 478	97,02	2,0
2000	R\$	8 357	100,36	3,4
2001	R\$	9 144	102,38	2,0
2002 (2)	R\$	10 432	102,75	0,4
2003 (2)	R\$	12 437	106,40	3,6

FONTE: FEE/Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE/Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Base: 1994 = 100. (2) Estimativas preliminares.